ANO 7.º — Sexta-feira, 27 de Março de 1914 — NUMERO 315

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

—(*)—

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Carta aberta

a sua ex.ª o novo governador civil de Aveiro, sr. dr. Augusto Gil

Ex.mo Senhor

Permita V. Ex.ª que *O Democrata*, apresentando-lhe os seus respeitosos cumprimentos juntamente faça tambem os mais ardentes votos para que na superior administração que, por cérto, V. Ex.ª fará durante o seu consulado, dela provenham indiscutiveis proveitos e persistentes beneficios para o distrito que em breve terá a honra de o contar como seu chefe supremo.

Dizemos—em breve—porque á hora que escrevemos são várias as versões respeitantes á vinda e á posse de V. Ex.ª

Contudo, quando forem espalhados os primeiros numeros do *Democrata*, esteja ou não V. Ex.ª no desempenho já das suas elevadas funções, as nossas palavras, em qualquer dos casos, nada perderão do intuito que as anima, porquanto o fim a que visam nada se prejudica tambem com nenhuma das circunstancias.

O que se torna preciso é que V. Ex.ª as leia, as conheça, as analise e pése; e feito isso, o esclarecido espirito e profunda sagacidade de V. Ex.ª facilmente compreenderão que elas não traduzem a irrisoria veleidade de pretensos conselhos, nem a estulta vaidade de nos arvorarmos em mentores de V. Ex.ª. Longe de nós tal ideia, ex.mo senhor.

Mas cértamente não corresponderiamos aos ditames da nossa consciencia se não declarassemos com a maior franqueza que as palavras que aqui traçâmos são a consequencia logica da convicção profundissima em que estamos e ficamos de que, sentinelas obscuras, mas vigilantes, das instituições, essas palavras traduzem mais um serviço que prestamos ao regimen, levando até V. Ex.ª um grito de alarme, um aviso, uma prevenção, acautelando-o assim dos falsos republicanos, dos traidores e dos miseraveis sem consciencia, sem dignidade, sem vislumbre de honra—encarada sob qualquer aspecto—que cercarão V. Ex.ª saudando-o, bajulando-o, em frases de envenenada resonancia e afirmações de refalsada dedicação representativas dum enormissimo perigo se V. Ex.ª, na sua boa fé de homem de bem, os podésse acreditar!

Velho é o adagio—*homem prevenido vale por dois*—e assim resulta que, supondo, com fundadas razões, que V. Ex.ª desconhece esses falsos republicanos, a que aludimos, as personagens que constituem nesta malfadada terra os lendarios histriões de todas as côres politicas, não podendo V. E.ª, como ninguem, medir a densidade da imundicie onde as almas desses miseraveis se abrigam, aqui estamos, repetimos, a prevenil-o de que toda a cautela e argucia é pouca para esquivar-se aos resultados de intrigas e infamias de toda a especie de que taes tartufos são capazes.

Se V. Ex.ª interromper neste ponto a leitura desta carta e perguntar á primeira pessoa com que deparar se de facto haverá gente que possua as qualidades e mereça a inerente classificação que aqui lhe damos, V. Ex.ª ouvirá não só a afirmativa mais completa, mas a indicação imediata de quem ela é—são os *pardos*, os *pardos* que a imprensa designa e aponta por toda a parte e aqui, entre nós, tambem designamos e indicamos como os *pardos* da Vera-Cruz!

Almas de lama, faces de estanho, essa corja infréne tem rebolado toda a vida sobre um castelo de podridões na prática de todos os crimes, cobrindo-se, porém, não só com os tecidos das suas vestes, mas com a protecção superior, que a troco dos actos mais indignos e repugnantes, tem toda a boa sorte de conseguir.

Por indole jesuitas, por hipocrisia fanaticos e por principio reaccionarios, eles têm a congénita tendencia e os naturaes recursos para a prática dos feitos que a historia desta terra com toda a verdade regista.

Descendo por completo os degraus da politica monarquica, com a mesma facilidade com que os subiam; engrandecendo hoje quem no dia seguinte cobriam com os mais duros e ultrajantes adjetivos; cuspindo as maiores afrontas sobre José Estevam Coelho de Magalhães que até apontaram como ladrão, como bebedo chamaram a outro filho digno e ilustre de Aveiro, não falando nos insultos baixos e soezes endereçados ao falecido José Luciano de Castro, a quem, *beijando o chão onde ele pozésse os pés*, não lhe pagariam a divida de gratidão em aberto *por aquilo que é do conhecimento publico*; inimigos facciosos e atentos de tudo que represente civismo, independencia de caracter, nunca os *pardos* perderam qualquer ocasião que se lhes oferecesse para ferir, mesmo nas questões mais intimas, os republicanos a quem encheram de epitetos, os mais vexatorios e indignos, estabelecendo deprimentes confrontos entre o regimen democratico e determinados incidentes de que este não podia ser responsavel. E foi esta gente, Ex.mo Sr., proclamada a Republica, até onde não foram os velhos republicanos perseguidos e afrontados pelo seu ideal! Apresentou-se logo, logo, numa frenética azafama de saudações ao sol nascente sem pejo nem vergonha do que ainda pouco tempo antes havia escrito num imundo papel, que é o orgão dos afamados camaleões! Mas não pára aqui ainda a revoltante transformação da quadrilha. Ela entoou hosanas, cantou hinos, fez piroetas e com um cinismo que nos faz lembrar aqueles versos de Junqueiro

Santo Cinismo—chapa-nos nas faces
Santo Cinismo—um tal estanho emfim,
Santo Cinismo—que tu mesmo embaces
Santo Cinismo—ao vêr cinismo assim

aí a temos fresca, viçosa, a afrontar uma cidade inteira com as suas modernas convicções, que são tanto liberaes, tanto democraticas, tanto republicanas como eram as que exteriorisava nos tempos idos daquele celebre monarca de *radiosa mocidade*...

Não embaçámos, porém, nós, Ex.mo Senhor, antes nos aprestámos para a guerra sem quartel que, como bons republicanos, tinhamos o dever de sustentar contra os que, eivados de todos os vicios maus e fieis ao seu principio—*sempre com os de cima*—se acoravam á sombra da bandeira verde-rubra porque, drapejando triunfante, os fazia esquecer o vocabulario de prostibulo tanta vez então despejado sobre ela.

Com o seu *programa*, que nunca abandonou, a pardacenta cáfila, emquanto se empenha numa nauseante defeza do novo regimen, encorporando-se no campo do radicalismo, que ante-olhou o de mais cérta preponderancia, não se esquece de continuar no cometimento das mais indignas e ignobeis traficancias, porque disso vivem e como V. Ex.ª sabe não é facil a um degenerado leva-lo ao bom caminho em pouco tempo.

Em todos os campos os temos combatido com o apoio da opinião publica e o aplauso unanime dos republicanos de principios e honéstos desta terra.

Mas se os abandonamos um pouco, aí os temos com a tenacidade, que é o mais admiravel atributo dos filhos de Loyola, a intrometer-se na vida publica local, chegando até ao inaudito descaro e petulante atrevimento de discutirem os actos de velhos republicanos de sempre, como se autoridade e direito para isso lhes viesse de toda uma longa vida de dedicação e de lealdade, de civismo na abnegada defesa da Republica! Apresentando-se, Ex.mo Senhor, á chegada do antecessor de V. Ex.ª, era de vêr como eles o acompanharam entercalando-o entre dois dos seus *cotados* membros, com manifesto proposito de não abandonarem os seus logares, o que conseguiram, e a estulta vaidade de provarem assim que a Vera-Cruz e o chefe do govêrno sería tudo uma e a mesma cousa!...

A ousadia, porém, não passou de mais essa pública petulancia!

O antecessor de V. Ex.ª conhecia-lhe de sobra a força e as... qualidades! Poz todos no seu logar; e obrando dessa maneira só por isso lhe valeu ser tambem alvo das diatribes do... costume no *orgão* onde se reflete o caracter de toda a irmandade...

Crentes de que alguma cousa V. Ex.ª conheça do quanto valem os *democraticos* que lhe apontamos, aqui ficam as nossas palavras, que apenas implicam um aviso á pessoa honesta e sã de V. Ex.ª, que, desprevenida, poderia facilmente ser envolvida nas várias e sempre novas tramas que a frandulagem urde com a mestria inegualavel duma longa e aturada vida de infamias e de mentiras, de dólo e de traficancias—desde os tempos do Marréca!...

Reiterando-lhe, sr. dr. Augusto Gil, os nossos respeitos, fazemos votos tambem para que a administração de V. Ex.ª seja feliz e proveitosa na equivalencia de alevantada e patriotica que ela terá, encontrando V. Ex.ª faceis motivos ainda em toda esta região, tão bela e pitoresca, para novas e belas produções poeticas a que ha muito o nome de V. Ex.ª anda brilhantemente ligado.

Saude e Fraternidade

Em Ilhavo

Por causa do recente projecto apresentado pelo deputado Marques da Costa ao parlamento para que sejam encorporadas no concelho de Aveiro as praias do Farol e do Forte da Barra, teem-se efectuado na proxima vila de Ilhavo várias reuniões de protesto, aparecendo egualmente na imprensa da localidade insultos que a grande maioria dos aveirenses não merecem por serem completamente extranhos á questão.

Sabemos que o deputado Marques da Costa apresentando o projecto, que tanta celeuma tem levantado entre os nossos visinhos, apenas se fez éco duma representação dos moradores das aludidas praias e por isso não é justo nem é correcto que se afronte uma cidade inteira só porque uma ou duas duzias de habitantes, proprietarios na Barra, se lembraram de representar pedindo a sua anexação a este concelho.

Se Aveiro tivésse em vista prejudicar Ilhavo então, sim, era mais que justificado o movimento que se produzisse em defêsa dos seus interesses; mas Aveiro não pensou nisso e estamos mesmo por certos que se tratasse conseguir nas instancias superiores que a Barra fôsse encorporada no concelho de que é cabeça, previamente, amigavelmente combinaria com Ilhavo as devidas compensações.

Assim, só assim procedem os povos que se estimam não havendo razão para o contrario.

O 7.º aniversario de O DEMOCRATA

—(*)—

Saudações da imprensa

Do *Povo de Agueda*:

"O Democrata"

Entrou com o n.º 311 de 27 de Fevereiro ultimo, no 7.º ano da sua publicação, este nosso brilhante coléga de Aveiro, habilmente dirigido pelo nosso amigo sr. Arnaldo Ribeiro.

A obra republicana e verdadeiramente patriotica, que *O Democrata* desde o seu inicio tem feito, enche de prestigio aquêle nosso querido amigo, que tem servido a Republica com um desinteresse e amor notaveis. Nos tempos da oposição, quando o seu e nosso ideal era ainda um sonho e um mito, lá estava êle a pugnar pelo interesse da sua terra e pela ideia nobre que a sua alma abrigava, não se temendo arrostar com os perigos e ameaças da época.

Nosso adversário politico, êle tem sabido sempre cumprir os mais santos e nobres deveres de lealdade.

A *O Democrata* e ao seu ilustre director, vão as nossas saudações e os nossos votos para que continue trilhando na mesma linha de conduta de que nem um só momento se afastou ainda.

Do *Mensageiro de Cira*, de Vila Franca de Xira:

"O Democrata"

Encetou o setimo ano da sua publicação, pelo que vivamente o felicitamos, o nosso coléga *O Democrata*, de Aveiro.

Do *Famelicense*, de Vila Nova de Famalicão:

Pela imprensa

Entrou no 7.º da sua existencia o nosso estimado coléga *O Democrata*, semanário republicano radical de Aveiro, e do qual é seu digno director o sr. Arnaldo Ribeiro.

Ao estimado coléga enviamos as nossas cordeais felicitações desejando-lhe mil prosperidades.

Do *Aldeão*, da Costa do Valado:

Entrou no seu 7.º ano o nosso presado coléga *O Democrata* que desde a sua fundação tem mantido uma conducta coerente e genuinamente republicana.

Felicitâmos o coléga.

Do *Jornal de Albergaria*:

"O Democrata"

Entrou no 7.º ano de existencia este nosso intemerato coléga de Aveiro.

As nossas felicitações.

Junta Distrital de Aveiro

Reunião plenaria extraordinaria

Com a assistencia de 21 procuradores reuniu no ultimo sábado a Junta Geral sob a presidencia do sr. Antonio da Silva Carrelhas secretariado por Rui da Cunha e Costa.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior e o relatorio apresentado pela Comissão Executiva relativo á sua gerencia desde que tomou posse até á data, resolveu:

associar-se ao protesto da Junta Geral de Lisboa contra o projecto de lei apresentado ao parlamento pelo qual é tirada ás juntas a interferencia nas estradas consideradas distritaes;

aprovar na generalidade o projecto do novo regulamento do asilo escola e na especialidade alguns dos seus artigos;

lançar a percentagem de 3 % sobre as contribuições directas e geraes do Estado para assim ocorrer ás despêsas obrigatorias da Junta;

aprovar o orçamento para o ano civil de 1914;

encarregar a comissão executiva de entabolar negociações com a câmara sobre a entrega do edificio asilar onde está instalado o batalhão de infanteria 24;

abrir concurso para provimento definitivo dos logares de tesoureiro e chefe de secretaría e, finalmente,

fazer-se representar nas exequias que vão ter logar na Anadia á memoria do sr. José Luciano de Castro, filho deste distrito.

DR. ALBERTO VIDAL

Retirou desta cidade indo de novo reger a sua cadeira como professor do Liceu Passos Manuel, de Lisboa, o sr. dr. Alberto Ferreira Vidal, que durante a estada no poder do govêrno democratico, neste distrito exerceu com critério e proficiencia as funções de governador civil.

Ocioso é repetir o quanto a estada em Aveiro do sr. dr. Alberto Vidal se tornou proficua ao Partido Republicano Português, que sua ex.ª soube servir sem contudo agravar os adversarios que da mesma sorte lhe mereciam atenções distribuindo-lhes justiça sempre que dela careciam e para esse fim o procuravam. Não era o sr. dr. Alberto Vidal um sectario como positivamente não foi um faccioso. Se porventura não agradou a todos é porque se torna impossivel que um homem de caracter e de sentimentos, brioso e com uma linha austera de conduta se adapte ao modo de ser de muitos e principalmente daqueles que, aparentando de honestos, são, todavia, a escoria, o refugo duma sociedade tolerante ou dum partido decadente porque os defende e agasalha. Saíu no entretanto o sr. dr. Alberto Vidal cercado das simpatías da maioria dos velhos republicanos de Aveiro com quem conviveu e isso o deve desvanecer tanto mais que teve ocasião de avaliar bem das suas intenções, que não são, nunca foram aquilo que lhe atribuem malevolamente determinadas creaturas com cadastro, sempre inclinadas a vêr tudo por um prisma diferente do que representa a verdade e a justiça.

Oxalá o seu sucessor o emite, dignificando a Republica e o logar de confiança que foi chamado a desempenhar neste distrito.

Continuando

Meu amigo

Sincéro em todas as minhas opiniões, deixe-me dizer-lhe que me não causou surpreza o que no seu jornal se escreve ácêrca do procedimento na Festa da Arvore, do corpo docente desse colegio moderno, que, mesmo nas bochechas da autoridade superior do distrito, além de desmentir por absoluto a verdade da sua designação, è o mantenedor e continuador das regras da seita que entre nós tinha o mais benefico e seguro apoio no extinto convento de Jesus, tambem conhecido pelo convento de Santa Joana.

Nesta casa, foi do dominio publico, chegaram a fazer-se profissões religiosas e, ultimamente, por um excesso de cautela, não se realisando aqui, seguiam para Lisboa as infelizes que, algumas delas por circunstancias muito especiaes e alheias á sua vontade, subjugada de momento, lá iam *morrer para o mundo* emquanto passavam a *esposas do Senhor*, de ordinario sempre representado por alentados fradalhões ou beateficos malandros que faziam, pouco tempo depois, verdadeira aquela celebre definição da palavra freira—*mulher que vae dar a Deus aquilo que os homens já não querem!*...

Ora se a memoria não me falha já um dia foi a atenção da autoridade chamada para o facto de nesse mesmo *Colegio Moderno*, contra as disposições legaes, ser ensinada doutrina religiosa. Se bem nos recorda foi feito um simulacro de inquerito ao caso; apareceram logo vários imbecis discutindo-o e afirmando com a mais alta enfase de *jornalistas* de pechesbéque que no *Colegio Moderno* tudo era democracia, respeito á lei e professorado republicano, de fórma que, para quem não conhecesse o valor e a força dos taes *jornalistas* ficaria até na crença que no referido colegio se entrava bem para dentro do anatemisado e pecador campo do... livre pensamento!!!

Como em todos os casos sucede, o assunto debateu-se uma, duas semanas e passou... á historia.

Dentro de tal colegio, porém, é que ficaram a mesma gente, as mesmas regras e o mesmo odio ao sol e á luz da liberdade.

Bastaria conhecer como brotou aquela casa de ensino, procurando logo a primeira mentira na designação com que se baptisou, para que a todos os homens liberaes, independentes de qualquer outro sentimento politico, merecesse a mais cuidadosa vigilancia e implacavel fiscalisação.

Emquanto, cumprindo o decreto da extinção das ordens religiosas, saíam do convento de Jesus gente e mobiliario, parte deste ia-se armazenando na casa onde funciona esse colegio e poucas horas depois ali estavam montados nas mesmas condições, na mesma ordem, os dormitorios que existiam em Jesus—utensilios, moveis, pianos, roupas, conservando tudo aquilo o mesmo tom intensamente professo e sacrista!

Desaparecia o convento de Jesus, com as suas irmãsinhas, algumas de toucas brancas outras com elas pretas—distinção entre as *auxiliares e as professas*, mas surgia na *Praça Marquez de Pombal*—o *Colegio Moderno!*

Com as irmãs de touca? Não. Com as irmãs sem toucas e habitos da ordem, mas vestidas de preto todas, igualmente, conservando o mesmo padre capelão, os mesmos ares seraficos, a compostura apropriada áquelas que só vivem para o seu Esposo, *nosso senhor*, saindo á rua de olhos fixos no

chão e falando-nos em voz baixa, velada, mantendo sempre a atitude de que logo nos revela a escola nefasta, torpe e desumana do fanatismo jesuitico!

Tudo isto se conhece de sobejo; sabe-se e vê-se que outro grande edificio foi construido junto ao que já ali existia e onde de principio funcionou essa casa, e comtudo o jesuitico colegio médra e vive sem a mais levé fiscalisação administrativa ou escolar, entregue á sua propria obra e num escarneo, num desafio tão crescente, que chega, como narra o seu jornal, ao mais vivo e provocador procedimento na festa nacional da Arvore, com a qual não fraternisa nem permite, sequer, que as suas alunas internas ás janelas apareçam para presencearem o désfile do cortejo!

E por ventura essa festa tão simpatica e altamente educadora pertencerá ao numero daquelas que, no seu programa, comportasse qualquer manifestação contraria ao principio religioso ou envolvesse demonstração atentatoria contra as crenças de qualquer?

Evidentemente que não. Mas se em vez da *Portuguêsa*, da *Sementeira*, da *Maria da Fonte*, dos hinos da *Bandeira* e da *Arvore*, se cantasse o hino do pápa e da senhora de Lourdes; se em vez de professores fossem padres de sobrepeliz e de estóla; no logar de bandeiras nacionaes, pendões da Senhora do Rosario, da princeza Santa Joana, do famigerado S. Domingos e do pão de Santo Antonio; se em vez dum *lunch* houvesse missa cantada e comunhão geral e em vez do cortejo uma procissão, o caso sería outro.

Nestas condições, sim, as alunas do *Colegio Moderno* com as suas professoras, directora e respectivo capelão, encorporar-se-iam na *Festa da Arvore* e não faltariam a uma sequer das suas mais insignificantes demonstrações!

E com que fervor, com que unção... patriotica, está claro, não tomariam parte nos canticos e em todas as outras provas, as mèninas e as professoras!...

Pois então a seita já não descobriu e arranjou, estabelecendo, as *democracias cristãs*, por aí agora espalhadas com os seus programas descarados de associações retintamente catolicas e reaccionarias, embora para todos os efeitos sejam *democracias cristãs?*

E' cérto. O *Colegio Moderno*, porém, não fraternisou para salvar as aparencias mais que não fosse e aí continua na sua obra de retrocesso e de ofensa á lei, como é notorio, sem que ninguem se preocupe nem prenda com isso.

O que desejáva saber é se depois de tal facto, tão gráve quanto duramente ofensivo dos brios liberaes desta cidade e do respeito que merecem as leis e as instituições, o sr. inspector escolar do circulo e a autoridade se ficam de braços crusados sem averiguarem o que ha de verdade em tudo quanto se diz ácêrca do funcionamento do colegio em questão.

S. J. M.

Parabens

Damo-los ao aplicado aluno da faculdade de medicina, sr. José Vieira Gamélas, e a seu bom pae, o sr. José Gonçalves Gamélas, pela distinção agora obtida no exame do 4.º ano de anatomia, na Universidade de Coimbra, que o sr. Vieira Gamélas vem cursando com muito aproveitamento como é proprio da sua inteligencia.

José de Arruela e a restauração da monarquia

Tolas afirmações doutro despeitado

Dois factos notaveis sacudiram o povo português despertando-o num repelão dos mais violentos e... aterradores! O primeiro foi a aparição da taboleta do jornal *O Dia*, pintada a azul e branco, na fronteira do predio onde deverá ser escrito, composto e impresso o talassico orgão que hade fazer baquear o regimen, se lhe der tempo para essa gloria o novo e assaz cantado *Diario da Manhã*, jornal do snobismo alfacinha, não desfazendo no do seu fundador, director, redator, compositor, impressor, distribuidor e leitor o afamado e jámais esquecido causidico e *ardentissimo tribuno* realista, dr. José de Arruela, a esta hora em Londres, reeditando aos *ilustres* e reaes próscritos a sua inolvidavel conferencia monarquica, que representa o segundo facto mais notavel dos ultimos dias a que aludimos!

A *Nação*, velho jornal miguelista, caquético e senil, com uma insconsciencia abertamente em relação com o seu estado, defende agora a monarquia dos Braganças e dános, na integra, a *monumental* conferencia que, entre outros capitulos, tem um, que traduz e sintetisa completamente o resultado logico de todo aquele estupendo e fantasmagorico trabalho—*sonho idiota!*

Sem duvida um verdadeiro e autentico *sonho idiota* é o que significa todo esse espalhafatoso esforço, ainda que sómente exteriorisado, para a restauração da monarquia!

E emquanto o paladino de *smoking* e monoculo diz que: *o nosso odio* (dele, José de Arruela e companheiros) *será sem guarida, o nosso combate lançará mão de todas as armas, mesmo que nessa guerra tenhâmos de deixar a vida*—afirma pouco depois que a monarquia será restaurada—*sem abusos, sem excessos, sem derramamento de sangue, sem vinganças, sem represalias, sem perseguições, sem demissões—com tolerancia, com criterio. A monarquia não perseguirá ninguem!*

Como se vê, um verdadeiro céo aberto!...

Não nos disse o *grandecissimo*... tribuno o que faria dos republicanos, após a restauração; mas conclue-se naturalmente que estes, em massa, aceitarão o Manuelsinho com os seus apertos de oretra, a sua côrte e amigos como o Mario Monteiro, Cunha e Costa, Moreira de Almeida, Conde de Agueda, Cristo, José de Arruela e tantos outros vassalos de egual força, talento e probidade...

Feitas estas afirmações depois da declaração formal de que a *Republica está morta*, a sr.ª Constança Teles da Gama, que fôra convidada para presidir, *o que por modestia recusou*—diz muito senhora de si a *Nação*—aplaudiu com entusiasmo no que foi acompanhada por todos os marquezes, condes, viscondes, barões e damas presentes.

Mas por quem era constituida toda essa aristocracia presente, entusiasmada pela historia contada ali com uma facilidade inexcedivel pelo inconfundivel orador?

Era a mesma, caros leitores, era a mesmissima de quem a ex-rainha, nas suas memorias, publicadas sob o titulo —*Souvenirs sur la reine Amélie de Portugal*—diz:—*era uma cousa perpetua de desgosto e de inquietação para a rainha vêr as suas damas de honor, suas amigas, raros vezes se concederem a confiança e afeição mutuas que ela a todas dava. Sentir-se cercada de intrigas e de emulações parecia-lhe insuportavel.*

Era a mesma de quem ainda a ex-rainha, acrescenta—...*mas ao lado destes fieis servidores* (condes e condessas de Figueiró, Sabugosa, Ribeira e duqueza de Palmela—só estes) *quantos inimigos disfarçados em perfeitos cortezãos, sendo dificil de calcular o que se póde ocultar de ingratidão e de crueldade num sorriso, numa mesura de côrte, num beijo na mão!...*

Um veneno subtil deslisa-se nas ante-câmaras da rainha... o odio, o despeito, o rancor tumultuam em volta do trôno, porque esses descotentes são parlamentares, altos funcionarios, magistrados prevaricadores, oficiaes indisciplinados!

E' a mesma gente, nota a sr.ª D. Amelia no seu livro, que são as suas memorias, que a um seu conterraneo, vindo a Lisboa, e perguntando a um familiar do paço as razões da impopularidade da familia real e especialmente da rainha, respondeu: *Pois se ela nem é capaz de ter um amante!...*

E' a mesma gente, são os mesmos vassalos, os mesmos palatinos, os mesmos politicos, emfim, dos adeantamentos!

Mas apesar de toda essa podridão, não ha argumentos capazes de provar a justiça e o direito do principio monarquico. Entre nós ele foi a crapula, a corrução, o suborno, o roubo, o saque, a traição e a bancarrota. Foi o que todos nós sabemos e conhecemos, pois ha apenas tres anos e meio que findou essa orgia indecente e repugnante.

E nessa data nem o Arruela nem nenhum dos da numerosa assistencia ao seu patetico discurso, apareceram no paço á partida da familia real, ou na praia da Ericeira ao seu embarque. Agora sim, agora estiveram na redacção do *Diario da Manhã* todos, garantindo com a sua presença as assinaturas correspondentes ao novo jornal com que o *desinteressado* Arruela se hade arranjar ainda que—ele bem frisou—*a sua envergadura, sob o ponto de vista intelectual, muito deixe... a desejar.*

Não seremos nós que o desmintâmos... Nem a ele nem a nenhum dos muitos *snobs* que o acompanham.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Amaciem-lhe as arestas...

A talassaria, de mãos dadas com os carolas, tem enviado ao Congresso inumeras representações contra a lei da Separação para que esta seja alterada de modo que fiquem respeitados os direitos da igreja. Estão no seu direito de pedirem e representarem o que quizerem; o Congresso é que não deve dar qualquer passo naquele sentido, sem ponderar o procedimento do clero desde o dia em que foi publicada aquela Santa Lei.

E, se assim o fizer, verá qúe, ainda até hoje, o clero não apresentou ao govêrno uma representação em que, em termôs respeitosos e desapaixonados, formulasse as suas queixas. O procedimento do clero tem sido o mais acanalhado possivel, procurando, por todos os meios, embaraçar o que está estatuido.

E' vêr bem o que tem sucedido por esse país fóra: igrejas excomungadas, guerra de sarrafaçais contra colegas cultualistas e pensionistas. Uma verdadeira refrega de fadistas com navalha de ponta e mola. Ainda ha dias, em Castelo Branco, alguns masmarros, no intuito de prejudicar a Festa da Arvore, atrairam á catequese as creanças, oferecendo-lhes brinquedos. E é isto a que desceu o padre, numa luta sem elevação, de verdadeiro garoto; é a este rebaixamento a que está reduzida a função social do catolicismo. Em vista disto amaciem as arestas da lei, dêem-lhe amnistias e não tardará muito que na lei da Separação se verão obrigados a decretar a retranca, o cabresto e a espora para masmarros daquela força. E se não, aqui fica o vaticinio, como diria o sr. José de Alpoim...

Um caso

Tem andado o *Camaleão* como que a pretender ferir o sr. comissario de policia atribuindo-lhe erros, que não praticou, a proposito dum roubo que diz ter sido feito por uma creada de servir quando o que se está a ver e talvez se apure é que o *Camaleão* uma vez mais anda a servir de capa a um grosso escandalo que estâmos dispostos a aclarar devidamente se da parte de quem nele se acha envolvido não houver o bom senso de fazer calar as recriminações lançadas sobre o sr. comissario de policia, que, repetimos, no caso de que se trata cumpriu estritamente o seu dever. Mas não o entende o *Camaleão* assim, que queria a serviçal na rua livre de quaesquer contas com a justiça visto a situação em que se acha alguem perante as declarações feitas pela arguida e que teem de ser ponderadas e discutidas em audiencia *secreta* de juri.

Os leitores já perceberam... Investe-se com o sr. comissario de policia porque ele enviou ao tribunal, como lhe competia, uma creada contra quem o patrão se queixou de lhe ter subtraído 195 escudos de dentro dum cofre, mas que mais tarde quiz retirar a queixa, *por comiseração*, apregoa-se, para colorir a vingança que se pretendeu exercer sobre uma rapariga a quem começava a repugnar as baixêsas a que, segundo se diz, era obrigada, despedindo-se por isso da casa e do patrão que vinha servindo...

O sr. Filinto Feio, estâmos em crêr, pouco se hade importar que nas colunas do sujo orgão dos *adesivos* da Vera-Cruz seja abocanhado por quem de ha muito perdeu todos os escrupulos inerentes á sua profissão. No entretanto é bom que acentuado fique o facto e o pretexto que determinou a critica do *Camaleão* á autoridade republicana que com ele não vai á missa...

PEDIDO

A banda de infanteria 24, continua a apresentar alguns musicos fardados com antigos uniformes, o que produz um desagradavel efeito juntos com os que vestem já os fardamentos modernos e que são em maior numero.

E' cérto que as disposições regulamentares autorisam o facto, mas no caso presente ele é de tal ordem desigual, produzindo tão desencontrada e desagradavel impressão, que nos atrevemos a solicitar de s. ex.ª o sr. comandante do regimento as ordens necessarias para que seja unificado o fardamento dos que da banda fazem parte.

Fóra dos eixos

Dão-se, de quando em quando, factos tão anormais que, por momentos, se apodera de nós a convicção de que isto é um país de incorrigiveis.

Dizia ha dias o *Mundo* que o sr. ministro do Fomento empregava esforços para arranjar serviço aos ferro-viarios que a Companhia Portuguêsa expulsou.

Esses ferro-viarios são essa malta que prejudicou a companhia em centenas de contos, assim como o publico. A eles se atribuem descarrilamentos, a deterioração do material ferro-viario e as represalias contra colegas que eles não deixavam entrar ao serviço. Pois tem agora, como premio e estimulo a novas aventuras e futuros atentados e cada vez mais terriveis, a protecção do sr. ministro do Fomento! Isto não se comenta e arrasta-nos á desconsoladora e pungente convicção de que todos estão apostados em meter no fundo esta nacionalidade digna de melhor sorte! Este facto sugere-nos agora pelas suas pungentes consequencias, a amnistia em grande parte concedida a uma canalha incapaz de reconhecer, por uma conduta honrada, a generosidade da Republica, e tanto que eles já vão dando provas de que a não mereciam. Mas quê, se os patetas e lunaticos morriam se não davam a tal amnistia ampla no intuito de pacificar a patria portuguêsa?! Pacificar, metendo cá dentro elementos de discordia é de calino subalterno! Parece que um vento de insania desnorteou os cerebros desta raça que outrora tantas provas deu de caracter e bom senso.

Enfim, teimem que hão-de ganhar.

Tragedia

Em Paris deu-se nos principios da ultima semana um acontecimento de tal naturêsa extranho que ainda hoje é discutido não só na capital da Republica Francêsa como tambem em toda a parte onde foi levado por intermedio da imprensa que dele se ocupou.

Foi o caso que tendo *madame* Caillaux, esposa do ministro das finanças do govêrno francês, entrado na redacção do *Figaro*, jornal que vinha atacando os actos politicos daquele com extrema impetuosidade, com tal certesa desfechou um revólver que levava oculto no regalo contra *mr.* Calmette, seu director, que este logo caíu exanime, extinguindo-se-lhe pouco depois a vida.

Não o sabemos nós, não o sabe ainda ninguem se Calmette tinha efectivamente razão ou se a campanha do *Figaro* era como tantas outras que a imprensa reaccionaria costuma levantar, uma campanha de odios e vinganças por esse estadista ser dos que mais se distinguiam na propagação de ideias avançadas, de combate ao clericalismo defendido por Calmette e outros jornalistas como ele inimigos de tudo que represente avanço, progresso, adiantamento.

Seja, porém, como fôr o que se não póde admitir é que um jornalista se sirva de correspondencia intima, particular conseguida as mais das vezes por meios indignos, e com ela se apresente a atacar o adversario sem outros argumentos de prova que não sejam as deduções tiradas com o manifesto proposito de alterar o sentido do que está escrito. Se Calmette praticou realmente a vilêsa que lhe atribuem de se ter servido de cartas para uma senhora adulterando a seu belo prazer o que nelas dizia Caillaux para o incriminar, o gesto da esposa deste justifica-se. Mas nós não temos dados que nos habilitem a fazer um juiso seguro, verdadeiro, da questão tanto mais que ha quem afirme ter-se *mr.* Calmette apenas servido de uma carta particular na parte referente a assuntos politicos e por isso póde muito bem ser que o *Figaro*, apezar de reaccionario, tivésse razões de sobra para levar ao extremo á sua campanha e essas teem tambem que ser respeitadas, tanto mais que se não concebe que sendo Caillaux acusado de acumular as suas funções publicas de ministro das finanças com as de presidente do conselho de administração de um banco estrangeiro; de ter, por inconcebivel negligencia, facilitado aos seus amigos um golpe de Bolsa sobre a renda; de ter cometido uma prevaricação, suspendendo a acção da justiça em beneficio dum *escroc* e de ter declarado, em 1901, que tinha *esmagado o imposto sobre o rendimento com o ar de quem o defendia*, nunca tivésse arredado essas acusações justificando-se quando mais não fôsse pelos mesmos processos de que se servem os *escrocs* de Portugal, *liberais* e *republicanos*, para confundir os *malvados*, os *infames*, os *caluniadores*, que lhes não deixam digerir á vontade o produto da sua industria...

Vê-se que em França não é tão facil passar atestados de *honestidade* áqueles que não sabem o que isso é, como entre nós...

Estamos, nesse particular, muito mais adiantados.

Mau caminho

—(*)—

E' a um caso bem gràve pela sua significação e pelas suas consequencias, que me vou referir em frases simples e em critica passageira, mas sentida pela minha psicologia de homem de principios, de homem que coloca, em harmonia com a topografia organica dos seres vivos e pensantes e das sociedades civilisadas, a cabeça acima do estomago, o bem da colectividade acima do bem individual, as regalias dos oprimidos e dos desprotegidos da sorte acima dos caprichos duma seita que, para mais, é constituida na sua maioria por uma sentimentalidade de *snob*.

E' o caso dum concurso aberto pelo Hospital da Santa Casa da Misericordia de Oliveira de Azemeis representado pela sua meza.

Para que o leitor possa avaliar do que vou dizer, possa formar um juizo seguro para desassombradamente emitir a sua opinião consciente e livre, transcrevo para aqui, na integra, o anuncio desse *concurso*:

«A meza administrativa da Santa Casa da Mizericordia e seu hospital de Oliveira de Azemeis, faz publico que tendo por obrigação imposta pelo testador João José da Silva Guimarães de continuar a manter a capelanía da missa segunda, na igreja matriz desta freguezia e vila, pelo presente anuncio convida todos os presbiteros, que quizerem concorrer ao logar, a apresentarem os seus requerimentos até ao dia 31 de Março corrente, na secretaría da Santa Casa, instruidos com documentos, que provem ter sido ordenado em Portugal, e ter licença de celebrar pelo respectivo prelado da diocese, ou sómente o requerimento declarando que se obrigam a mostrar os documentos no acto da nomeação.

O ordenado é de cem escudos, pagos em dois semestres.

Oliveira de Azemeis e secretaría da Santa Casa, 15 de Marco de 1914.

O provedor,

Antonio da Silva Carrelhas

A primeira cousa que resalta da sua leitura, é a sua constituição.

Em todo e qualquer concurso ha sempre um ponto, uma condição para que convergem os documentos de preferencia dos candidatos ou concorrentes e sobre o qual o juri, analisadas as condições geraes, se tem de basear na decisão duma escolha justa. E' a melhoria de conhecimentos cientificos quando o logar demanda ciencia e tem cotação monetaria fixa, ou o preçario inferior quando a ciencia fica incluida nos traços geraes do concurso, ou ainda á ciencia ligada ao barateamento.

O concurso—chamemos-lhe por emquanto assim—em questão não pertence a nenhuma destas categorías. Tem preço fixo e a ciencia é comum, porque todo o padre que um dia celebrou missa com ordem do seu prelado, apto está, cientificamente, a dizer missa todos os dias, o que está demonstrado, sem um unico argumento em contrario, axiomaticamente, pelo facto de bispo algum até hoje ter destituido dessas funções qualquer padre por falta de conhecimentos de celebração de missa. As sentenças daquelas autoridades episcopaes baseiam-se na insubserviencia ao seu poder absoluto.

Alem deste argumento de facto, ha a acrescentar a frase pitoresca do padre Carrelhas, provedor do Hospital e presidente da meza do mesmo, que traduz fielmente uma verdade de toda a gente conhecida—*qualquer burro de padre tem ciencia para dizer missa.*

Ora esse concurso, como se vê do seu anuncio publicado nos jornaes desta vila—*Radical* e *Opinião*—é moldado nessas sentenças do bispo pela mão da meza do Hospital (nem todos os mezarios tivéram conhecimento de tal resolução). O anuncio diz claramente que só póde concorrer o padre que apresentar o atestado do seu bispo, não admitindo, portanto, os padres que, embora republicanos e patriotas, tivéram a ousadia de acatar o poder civil e coloca-lo num plano superior ao poder eclesiastico.

Eis aqui a razão da existencia dessa condição essencial do concurso.

Nesta vila ha um padre de nome Manuel de Andrade Serodio, que, ao voltar dos seus estudos e das suas ordenações, era adorado pelo beaterio, que, em côro unisono, lhe tecia os mais calorosos e justos elogios á sua inteligencia, aos seus conhecimentos e ás suas virtudes. Este côro fez-se ouvir num crescendo, até que o padre Serodio teve a hombridade de, em publico, manifestar as suas ideias avançadas, sentir a sua opinião de padre liberal, de se declarar um leal defensor e poderoso propagandista da nossa Republica.

A guerra então principiou, iniciando-se entre um surdo ciciar de bastidores, para mais tarde se fazer com todo o desplante, com toda a arrogancia. As suas virtudes foram vergastadas, os seus conhecimentos negados e a sua inteligencia apoucada. Mas essa campanha, de armas nogentas e jesuiticas feita, redobrou de intensidade, quando o padre Serodio deu margem franca ao seu coração de homem, amando uma menina, não para a tornar sua concubina como de ordinario fazem os seus colegas de góla e corôa, mas para lhe dar todo o seu puro amor e pelos laços matrimoniaes construir um lar, constituir familia.

O auge dessa campanha foi atingido—é o momento em que atualmente estâmos—quando se tentou formar uma associação cultual nesta vila, entrando na assinatura dos seus estatutos o padre Serodio.

Num desnorteamento que põe em duvida a sentimentalidade e a educação civica dum extranho, esse bando de beatas e *snobs* religiosos lançaram-se na mais desenfreada perseguição ao padre e a muitos dos assinantes da cultual, não conseguindo a modificação ou sujeição do caracter lidimo do padre Serodio, mas obtendo a negação ou recúo da assinatura de alguns, talvez entre lagrimas de vergonha e dôr.

Arreliados por não verem as suas vinganças de todo satisfeitas, continuaram a intensidade da campanha, esperançados em que o padre Serodio e sua familia, para quem vive como verdadeiro irmão e filho, sentiriam a fome baterlhes á porta, sentindo já debaixo dos seus sapatos fradescos a cabeça do padre e entre as suas garras as fibras do seu coração.

Conseguiram do bispo o seu representante a suspensão de ordens, para que o padre Serodio não dissesse missa perdendo a capelanía que algum dinheiro lhe rendia. Tanto o padre como quem lhe pagava, deixam passar indiferentes essa suspensão e a capelanía continua com o mesmo celebrante.

Morreu o sr. José Guimarães, o sustentador da capelanía, e deixa no testamento uma cérta quantia ao Hospital para com os rendimentos este manter a capelanía, que consiste na conservação da missa segunda. Emquanto o Hospital não tomou posse dessa doação, a familia do morto conserva na capelanía o padre Serodio, mas afirmando o beaterio desde logo que, quando o Hospital tomasse conta, o padre Serodio era despedido.

Não acreditei que essa ameeça se traduzisse em realidade de facto em tempo algum, porque á frente do Hospital se encontram homens que já tinham sofrido as amabilidades felinas do poder eclesiastico—que o diga o padre Carrelhas—e que teem obrigação de saber que das casas de misericordia não se deve fazer manequim de odios, vinganças, nem campo para lutas politicas.

Essas casas devem albergar todo o cidadão que dentro da justiça mereça os seus beneficios, e abrir os seus cofres á esmola do ateu, do catolico, do protestante, do politico e não politico.

Era este o meu juizo sobre a direcção do Hospital e portanto ouvia com indiferença as ameaças reaccionarias.

Mas, ao lêr o anuncio do concurso, vi que o poder beatefico levava triunfante os seus malevolos intentos.

Do Hospital vai ser excluido, neste concurso-mascara, o padre Serodio!

A reacção, entrincheirando-se nessa casa de misericordia, vae saciar os seus odios, rir-se, com as gargalhadas muito suas, da fraqueza do poder civil, da Justiça, da Liberdade e da moralidade. Sobre os gemidos dos pobres, a reacção, fivelando a mascara da misericordia, golpeia o direito ao trabalho, a liberdade á vida.

Mau caminho é o que o Hospital da Santa Casa da Misericordia, desta vila, está a seguir, não se lembrando que estâmos num estado livre e que este é o seu fiscalisador.

Azemeis, 25.

Lopes de Oliveira
(Medico)

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Notas mundanas

Foi registada no dia 23 do corrente na Conservatoria do Registo Civil desta cidade, com o nome de Maria Regina Calixta Alvarenga uma filhinha do nosso amigo sr. Julio Alvarenga e de sua esposa, a sr.ª D. Ercilia Rosa Calixta Alvarenga, residentes atualmente na Costa do Valado.

Serviram de testemunhas os srs. Ricardo Mendes da Costa e o director deste jornal.

Aos paes da neofita muitos parabens com o desejo duma vida perene de felicidades á que constitue hoje todo o seu enlevo, a inocente Maria Regina.

= Embarca no dia 1 em Lisboa com destino a Loanda e acompanhado de sua esposa, o nosso amigo sr. Frederico Candido Marques que em sua companhia leva egualmente um filho do seu socio naquela importante possessão ultramarina, Francisco Vieira da Costa, bemquisto aveirense.

= Tambem no mesmo paquete segue viagem para a mesma cidade onde já se encontra seu marido, a sr.ª D. Diolinda Duarte Soares, nossa conterranea.

= Para o Chinde, Africa Oriental, dirige-se ainda com sua esposa após ter gosado seis mezes de licença que lhe fôra concedida, o sr. Raul Ferreira Vidal, nosso velho amigo.

A todos desejâmos feliz viagem e muitas venturas.

= Com um ataque de gripe conservou-se alguns dias retido em casa, o sr. dr. Joaquim de Mélo Freitas, digno secretário geral do govêrno civil.

=Esteve na segunda-feira nesta cidade o sr. João Pereira Serrano, farmaceutico em Angeja.

= Deu-nos o prazer da sua visita o sr. José Simões Silva, ha pouco chegado do Congo Belga á sua casa de Macinhata do Vouga.

=Encontra-se bastante doente o sr. João da Graça, socio activo da Companhia de Salvação Publica Guilherme Gomes Fernandes á qual tem prestado inexcediveis serviços.

Desejâmos as suas rapidas melhoras.

= Com demora de algum tempo pois se acha, como de costume, estabelecido na feira, está entre nós o sr. Antonio Candido Moreira.

= Teve o seu bom sucésso dando á luz um menino que já foi registado com o nome de Alberto Afonso, a esposa do sr. José Nunes da Ana, activo negociante da freguezia das Aradas, a quem dâmos os parabens.

= Afim de passar algum tempo em tratamento no Sanatorio, partiu para a Guarda o sr. Mario Ferreira, filho do sr. Patricio Inacio Ferreira, ora residente no concelho de Albergaria.

Por falta de espaço ficam-nos por publicar alguns originaes do que pedimos desculpa aos seus autores.

Novo governador civil

Assumiu ontem a chefia superior do distrito, pelas 15 horas, o sr. dr. Augusto Gil recentemente nomeado para este cargo pelo govêrno do sr. Bernardino Machado.

Assistiram á posse todos os funcionarios publicos que dela tivéram conhecimento ou foram convidados e a quem o sr. dr. Augusto Gil agradeceu depois de em curtas palavras ter explanado o seu programa, que é o da maior neutralidade no campo politico.

Tambem falou o sr. dr. Mélo Freitas saudando o novo chefe e mimoso poeta.

CARTA

—=(*)=—

Sr redactor de *O Democrata*

No conceituado jornal de 6 do corrente, de que v. é mui digno redactor, vem publicada uma carta, firmada pelo sr. Joaquim da Costa Santos, meu conterra ou ex-conterra—não sei se já desfraldou a bandeira da independencia,—cuja inaptidão em confeccionar sapatos bem se casa com a sua cultura intelectual. Esse sr. servindo de mascara a alguns cobardes que têm por arma a mentira e por defêsa a calunia, vem, com um cinismo revoltante, afirmar nêssa carta—que não escreveu nem podia escrever—que o ilustrado professor désta freguezia, sr. José Maria Tavares Dias é pouco zeloso e algo desleixado no desempenho da sua elevada e espinhosissima missão, vendo-se por isso na dura necessidade (sic) *de retirar seu filho da escola do sexo masculino, seguindo-lhe o exemplo o sr. Francisco Soares Pinheiro.*

Sem procuração do digno professor, venho dizer a esse cavalheiro que falta á verdade, que me repugna ser deturpada impunemente; e, em abono desta asserção, passo a referir alguns factos, usando de toda a imparcialidade.

Ao declinar o mez de setembro ultimo, o sr. José Maria Tavares Dias foi acometido dum ataque de reumatismo agudo que o impossibilitou de iniciar os trabalhos do novo ano lectivo.

Como a doença se prolongasse, o impaciente sapateiro, julgando talvez que o ilustre professor guardava o leito por distração, *mandou seu filho freqüentar uma das escolas limitrofes desta freguezia.*

Daqui se infere, sr. redactor, que não retirou ele da escola o filho em virtude da suposta incompetencia do professor, mas sim porque não quiz aguardar o seu restabelecimento.

Qual sería a razão que levou o sr. Francisco Soares Pinheiro a ir na esteira do nunca assás decantado sapateiro? A incompetencia do professor? Não. Ainda no penultimo ano levou a exame do primeiro e do segundo gráu doze alunos, sendo todos aprovados e alguns com distinção.

Não quero deixar de acentuar tambem que o ilustrado professor não deixa passar ano algum sem apresentar alunos a exame dum ou doutro gráu. A falta de zelo? Tambem não. Aproveita todo o tempo exigido pela lei a espancar as trevas da ignorancia que envolvem as creanças que lhe são confiadas, e como este ano as tem mais atrazadas—devido á doença que o assaltou—prolonga esse tempo, ao que não estava obrigado. Algum motivo justo, plausivel influiria no animo do sr. Francisco Soares Pinheiro ao tomar essa resolução?

Sinto muito dizer-lhe, sr. redactor, que os srs. Joaquim da Costa Santos, Francisco Soares Pinheiro e quejandos envolveram a causa santa e sublime da instrução, com a politica baixa, réles, daninha que tem minado o nosso organismo social.

Esses srs., em vespera das ultimas eleições paroquiaes -que nesta freguezia foram muito renhidas —invadiram a casa do ilustrado professor ainda doente e tivéram o descáro inaudito de lhe exigir, em tom imperativo, o voto, sob pena de vingança ulterior!

O sr. José Maria Tavares Dias, com sacrificio da sua abalada saude, votou. Por quem? Que o digam os deuses do olimpo luminoso.

Esses cavalheiros atribuem a sua derrota ao digno professor, e daí esta campanha de que só reçuma odio e vingança, que é a sua arma predilecta. O sr. inspector escolar conhece muito bem a competencia e o zelo do sr. José Maria Tavares Dias e o proceder baixo desses srs., só digno de homens sem cotação moral. Ao sr. Joaquim da Costa Santos, não mais volto a responder, porque é um irresponsavel; aqueles que por detraz da cortina insuflam vida a esta biliosa campanha, eu convido a saltarem á arena, com a cara desnudada, empunhando as armas da justiça e da verdade, se por acaso as encontrarem.

Pela inserção desta carta muito grato lhe fica o que se assigna

De v. etc.,

Pindelo, 18—3—1914.

Antonio Corrêa Godinho

N. da R.—Esta carta é aquéla a que fizémos referencia no ultimo numero e á qual não podiamos negar publicação por se tratar da defêsa dum professor que aqui tem sido acusado.

Feira de Março

Abriu na quarta-feira este mercado anual do campo do Rocio, cuja disposição é diferente da dos outros anos observada desde a primitiva.

A concorrencia de compradores foi diminuta devido ao tempo chuvoso, que pouca gente permitiu que viésse de fóra.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

MARÇO

DIAS	PHARMACIAS
29	BRITO

O Brazil de hoje

A crise não é uma "blague,,—Tresentos operarios candidatos a doze logares!—Resposta a um insolente jornalista brazileiro residente em Lisboa.—Guerra á emigração!

Continúa a crise, ou melhor—o Brazil, não obstante toda a sua incomensuravel riqueza, continúa a braços com a pavorosa crise economica que o assoberba desde ha tempo, reduzindo milhares e milhares de homens á inatividade e concorrendo, consequentemente, para a penúria, a extrema miséria de outros tantos lares.

No entanto ha ainda quem tente negar, com uma audacia que revolta, a verdade dos factos, talvez no proposito unico de evitar que se conheça aí, em Portugal, a angustiosissima situação em que presentemente se encontra o proletariado neste país.

Assim, pois, o sr. Candido de Castro, um mulato que em Lisboa desempenha, com agrado da talassaria, as *honrosas* funções de correspondente do *Correio da Manhã*, diário carioca, atira-se com unhas e dentes contra os que, por qualquer fórma, se manifestam contra este estado de cousas.

Ainda agora, só porque o joven e talentoso escritor português, sr. Simões Coelho, atualmente aqui, não sabe cobrir, mesmo com aquele *manto diafano da fantasia* de que nos fala Eça, esta horrorosa situação que tantas vitimas tem causado e causará; só por isto, por o sr. Simões Coelho não seguir o baixo e condenavel exemplo dos foliculários da imprensa brazileira que fazem da mentira um rendoso modo de vida, pois o nosso talentoso compatriota sempre preferiu, como Jolus Pym, *sofrer por dizer a Verdade, do que fazer sofrer a Verdade com o seu silencio*; só por isto, dizia, *o engraçadissimo correspondente*, em *Lisboa*, do *Correio da Manhã*, em sua ultima carta vem furibundo, possésso, contra *O Seculo*, acusando-o, com uma argumentação verdadeiramente parva e em tudo desconexa, de estar quotidianamente publicando artigos contra a emigração portuguêsa para o Brazil.

Mas não nos insurjâmos, porém, contra os protestos apalermados do sr. Candido de Castro. São, na essencia, falhos de base; ou melhor—são proprios de quem assim procura fazer jus... á côdea e nada mais.

Não é, decerto, o seu patriotismo de brazileiro que o arrasta e céga a ponto de não permitir, mesmo ante a clarividencia dos factos, que nós outros, portuguezes que por aqui perambulamos, digâmos a verdade tal qual ela é e não tal qual s. ex.ª quer, a *tout la force*, que seja.

Não, decerto. O sr. Candido de Castro, que nestas coisas sempre mostrou ter *acções de negro*, revolta-se contra o sr. Simões Coelho, contra *O Seculo* e até desgraçadamente contra o proprio país que o hospeda, apenas por isto:—porque deseja ser agradavel aos que, daqui, lhe encomendam o *sermão*.

Mesmo porque o odio de raça o impele para o campo da injustiça, da ingratidão, da mentira e do insulto.

Por isso, mente pelo odio que tem ao *galêgo*, e insulta por prazer e por acinte.

Outra coisa não se depreende das suas cartas que semanalmente publíca no odioso pasquim onde trabalha e onde ha muitos anos pontifica Eugenio Silveira—esse português canalha que, depois de ter passado pelos ideais mais avançados, enfileirou, com armas e bagagens, nos arraiaes monarquicos e reconhecidamente jesuiticos do Brazil.

* * *

Mas não ha nada como a Verdade para castigar os velhacos e os insultadores da dignidade alheia.

Portanto, não importa que o atrevido e insolente correspondente do *Correio da Manhã* mande para aqui dizer que a crise não existe no Brazil, que nunca existiu mesmo... São palavras que os factos facilmente esmagam; são pateticas que os seus proprios colégas da imprensa se encarregam de destruir, como se vai vêr mais abaixo.

Não ha crise—diz o sr. Candido de Castro na sua ultima correspondencia do *Correio*.

Não ha duvida. No Brazil não existe, presentemente, crise—**existe fome, existe miséria,** dizemol-o nós, dil-o toda a gente.

E como sabe s. ex.ª que aqui não existe crise? Pelo jornal que tão *honrosamente* representa em Lisboa? Não, com certeza. O *Correio da Manhã* por mais duma vez tem confessado, e até em artigos violentissimos, que a crise é uma realidade incontestavel.

Pela *Gazeta de Noticias?* Tambem não póde ser—porque este diário, apezar de dizer hoje e sempre, da Republica Portuguêsa o que Mafoma não disse do Toucinho, tambem por mais duma vez tem provado que a crise é gràve, que as classes trabalhadoras estão passando por uma situação inquietadora.

Pelo *Imparcial?* Não póde ser tambem—porque esta folha, a quem a Republica luzitana tantos engulhos causa, desde ha muito vem clamando que **isto está máu,** que **não ha dinheiro,** que **o comercio definha,** que **o proletariado está a braços com a fome.**

Pela *Epoca*? Tambem não póde ser—porque este diário, numa linguagem violentissima, ha muito que anda gritando que nunca **o Brazil atravessou uma situação tão melindrosa,** que **o povo que trabalha morre de fome,** que **o funcionalismo público não recebe vintem durante um, dois, tres e quatro mezes.**

Pelo *Jornal do Comercio*, o veterano da imprensa carioca? Tambem não—porque este orgão, apezar de todo o seu comodismo, de vez enquando aparece com os mesmos clamores, aconselhando os poderes publicos para que debelem **este estado de cousas que entristecem e que revoltam.**

Pelo *Jornal do Brazil*, orgão dos condes e dos padres, que tem dito de Portugal republicano cobras e lagartos? Não, com certeza—porque esta folha tambem quasi diariamente, e em grossos carateres, aparece com os seus protestos contra **a angustiosissima situação atual que é de misérias e de ruinas, de fome e de lagrimas.**

Pelo *Diario?* Pelo *Seculo?* Pelo *Correio da Noite?* Pela *Ultima Hora?* Supômos que não—porque o grito é unisono: **ha fome!**

* * *

Diga-nos, sr. Candido de Castro, em que se baseia para protestar contra o que diz *O Seculo*, de Lisboa, contra a imprensa portuguêsa que, ha tempo a esta parte, está sustentando a mais nobre e patriotica campanha contra a emigração portugueza para o Brazil na presente conjuntura, sobre tudo?

Não acha, diga-nos, essa atitude justa? Não a acha nobre e humana em todo o sentido?

Deixe-se de insolencias, sr. e não se rovolte contra aquilo que mais dignifica o homem. Porque combater a emigração, agora, nesta conjuntura gravissima porque está passando o Brazil, não é, creia, de molde a se poder invejar, nem sequer a merecer louvores.

Leia, leia a imprensa paulista, a imprensa baiana, e diga-nos se realmente é só aqui, no Rio de Janeiro, por onde perambulam milhares e milhares de homens sem trabalho e sem pão, sem amigos e sem onde pernoitarem, que a crise existe. E' geral, sr. Candido de Castro: por todo o Brazil ela se apresenta com um aspecto assustador e gràve.

E no estado do Ceará? Tambem será capaz de negar, sr. Candido, que naquele infeliz estado, agora a braços com uma sangrenta guerra civil, onde um incalcu-

lavel numero de desgraçados teem perdido a vida, não existe o flagelo da crise? Se assim é—mentem os telegramas que diariamente publicam os jornaes cariocas.

Aquilo, ali, como nos outros estados, não é crise, sr. Candido de Castro:—são quadros lugubres que, se não fazem revoltar as pedras das calçadas, com certeza não deixam de ferir o coração mais duro.

Ah? Bem diz Schakespeare:—*é mais facil prégar a Moral do que justifical-a.*

Está nestas condições o insolente representante, em Lisboa, do *Correio da Manhã*:—préga a Moral, mas não a justifica. Eis o seu erro; eis os motivos porque nos propozémos a desmascaral-o com imparcialidade e justiça.

* * *

Mas, venha cá, sr. Candido de Castro. Nós ainda aqui não lhe perguntámos se, para formular o ataque contra os jornaes portuguezes que guerreiam a emigração para o Brazil, se baseou no jornal carioca *A Noite*. Como estamos com a mão na massa, e porque sempre fômos daqueles que gostam das coisas claras, isto é, postas em pratos limpos, atrevemo-nos, pois, a fazer-lhe mais esta pergunta:

—Em que se baseou para gritar, como um possésso, contra os que, como o sr. Simões Coelho, todos os esforços empregam, quer falando, quer escrevendo, para obstar que a emigração continue?

Haverá nisto, acaso, a menor indisposição contra o Brazil?

Não sr. Candido. O sr., como já acima dissémos, não age como devia agir. O odio que mostra ter por tudo que é portuguez, que é *galego*, arrasta-o a esses excessos nada delicados e proprios dum homem que nem sequer sabe respeitar a verdade dos factos.

E não supônha que o acusamos pelo simples prazer de *acusar*. Não. Essa norma não se coaduna com o nosso feitio. Acusamol-o, é certo, mas acusamol-o sem falsear a verdade e simplesmente pelo desplante que teve em querer negar, e pela fórma a mais insolente e atrevida, uma coisa que a propria imprensa brazileira, não excetuando a governamental, nunca negou: **—a existencia da crise economica-financeira que atualmente assoberba o Brazil.**

Mas descance. Resta-nos a satisfação de não sermos nós quem o desmentimos, quem lhe quebramos os venenosos dentes da calunia perfida e velhaca, jacobina e malcreada. Quebra-lhos, sr. Candido de Castro, o jornal brazileiro *A Noite*. E' este jornal, que tanto tem combatido os homens e as coisas de Portugal, que se encarrega de responder aos seus apalermados protestos, á sua ficticia indignação.

Responde-lhe, pois, *A Noite*, do dia 28 de fevereiro. Ora leia, sr. Candido de Castro:

A vitoria da fome

"A crise é uma "blague,, da imprensa amarela,,

Tresentos operarios candidatos a doze logares

«Ainda ha quem negue a pavorosa crise economica que nos assoberba, reduzindo milhares de homens á inactividade e concorrendo para a penuria, a extrema miseria de outros tantos lares.

Tomando a nuvem por Juno e colocados num ponto de vista inteiramente falso, os folicularios que batem palmas á situação e vêem tudo côr de rosa, porque a negra miseria ainda não lhes golpeou á porta, interpretaram a frivola alegria que alucinou uma parte da população durante os tres dias de carnaval como a prova documental de que estamos no melhor dos mundos, que a crise é uma *blague* forjada pela *imprensa amarela* para fazer oposição.

Nada melhor do que os factos, entretanto, para provar a existencia da miseria que assedía as classes menos favorecidas da sorte e vae tornando a vida honrada em extremo dificil neste país rico e grande, onde devia haver a maior abundancia e que esperneia nas proximidades da banca-rota, graças á politicagem vesga que pretende resolver todos os problemas nacionaes de acordo com o interesse subalterno e pessoal de meia duzia de *magnates*.

A prova incontestavel da crise, cujos efeitos não se poderão prever, taes os erros e desatinos que dia a dia se acumulam no nosso carunchoso aparelho administrativo, fica patenteada pelo seguinte facto:

O sr. dr. Cunha e Mélo, advogado nos auditorios desta capital, resolveu fazer algumas obras no predio de sua propriedade, á rua da Quitanda n.º 135, e para arranjar os operarios necessarios, pôz no *Jornal do Brazil* o seguinte anuncio:

«PRECISA-SE de seis carpinteiros e seis pedreiros; r. da Quitanda, 136, escritorio do dr. Mélo, das 10 em deante.»

Pensava o anunciante que lhe seria dificil conseguir os operarios de que precisava.

Póde-se, entretanto, julgar da surpresa que o atacou, quando, hoje, ás 6 horas, despertando com um rumor estranho de muitas vozes, chegou á janela e olhou anciado para a rua, certo de que a sua, ou qualquer casa proxima era presa de um incendio.

A' porta da rua, premidos contra os umbraes, estavam cêrca de 300 homens, cuja fisionomia esqualida de martires anonimos e resignados, violentamente impressionou vivamente o advogado.

—Que ha? indagou ele, ainda mal desperto, sem compreender o motivo de tamanha aglomeração á sua porta e amedrontado com o facto.

E um côro confuso de todas aquelas vozes, cujo timbre nervoso traduzia perfeitamente a anciosa espectativa da multidão, foi chocar-se dolorosamente aos ouvidos do dr. Cunha e Mélo, que só então poude compreender que aquelas tresentas pessoas, todas famintas, a hora tão matinal corriam á conquista de um duvidoso pão para a familia, atraidas pelo anuncio.

E quando toda aquela gente compreendeu que estava em presença do salvador, do homem que ia escolher entre eles os doze afortunados, moveu-se bruscamente, tentando disputar-se o primeiro logar junto á porta.

Por pouco não havia ali, na rua da Quitanda, um pavoroso conflito.

Para acalmar todos aqueles vencidos, todos aqueles martires e evitar uma desgraça, o dr. Cunha e Mélo pediu o auxilio da policia, sendo enviado para a porta de sua casa um guarda-civil para contel-os.

Escusado será afirmarmos que o dr. Cunha e Mélo não tomou os serviços de nenhum dos desgraçados, para não descontentar os outros.

Isto, porém, não impediu que a sua casa fôsse procurada durante todo o dia por carpinteiros e pedreiros desempregados, ficando a sua porta constantemente cheia, e a escada que conduz ao primeiro andar e á rua, até depois das 12 horas.

A's 10 horas, quando estivémos no escritorio do dr. Cunha e Mélo, a massa tinha decrescido, vendo-se em frente á casa umas 150 pessoas.

O guarda-civil regulava a entrada e saida dos operarios, que se retiravam desanimados de conseguir vencer a negra miseria que os assoberba.

Fica provado, assim, que a crise economica é uma *blague* forjada pela *imprensa amarela* para fazer oposição ao mais honesto e prestigiado e benemerito dos govêrnos!»

Quer melhor desmentido, sr. Candido de Castro?

Ora tenha paciencia, e para a outra vez não mande para cá dizer o que dizer não deve. Do contrario está sujeito a estas duras decepções:—a ser desmascarado pela propria imprensa brazileira.

Não é bonito, bem o sabemos, mas é verdade.

Ora, pois.

Rio de Janeiro, 1 de Março de 1914.

J. Fernandes Tavares

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 40$00 o vagon.

Declaração

Eu abaixo assinado, venho por este meio declarar que, tendo falecido meu filho João Joaquim Gonçalves, e querendo agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhal-o á sua ultima morada, me é isso impossivel, pois me foi negado, pela pessoa que o tem em seu poder, o caderno das assinaturas, ficando inhibido de assim cumprir o meu dever de Pae.

Por isso, faço por este meio o meu agradecimento, ficando muito reconhecido a todas as pessoas que a meu chorado filho prestaram a ultima homenagem.

Aveiro, 23 de Março de 1914.

José Joaquim Gonçalves da Caetana

CORRESPONDENCIAS

Requeixo, 23

EXPLICANDO

A precipitação com que foi escrita a correspondencia publicada no ultimo numero do *Democrata* não nos permitiu as necessarias referencias aclaratorias ácêrca do córte das arvores a que na mesma aludi.

Hoje, porém, e em harmonia com o espaço, venho informar os leitores dos motivos que deram causa ao vandalismo tanto mais repugnante quanto é cérto ter sido o odio, o rancor politico, a causa principal desse acto verdadeiramente selvagem, que mascararam com ser a junta de paroquia desta freguezia a entidade a quem de *direito pertence* o terreno da Povoa do Valado onde se achavam plantadas as arvores a cuja destruição a mesma junta mandou proceder, com o que dispendeu 50 ou 60 centavos, assistindo tres dos seus mais *doutos* membros, não comovidos porque para essa gente não ha comoções, mas radiantes de alegria e qual guerreiro ao contemplar a corôa de louros alcançada pela sua vitoria!

Cincoenta ou sessenta centavos foi o preço porque pagaram áqueles que se prestaram á execução definitiva do calculado plano—a destruição das pequenas arvores, que viriam com as suas ramagens *infeccionar* esta freguezia, quiçá o concelho a que ela pertence pela abundancia de oxigenio e pela dececação do pantano em que se achavam!...

Com efeito, nas capelas dos diferentes logares desta freguezia apareceram editaes anunciando que alguem, em nome da Câmara Municipal, pretendia apoderar-se dos baldios do logar da Povoa do Valado, a junta de paroquia deliberára em sessão extraordinaria de 4 de março sustentar os seus direitos e o dos moradores do referido logar, aconselhando o povo a que continuasse, como até aqui, a tender adobos, córar e secar roupa, e se algum mandado ou intimação viésse em contrario, sería ilegal por a ela se não dever obediencia.

Segundo o edital a que vimos de nos referir, a deliberação da junta abrangeu todos os baldios nos limites da Povoa do Valado, e a questão apenas compreende um, se é que o termo *baldio* se póde aplicar a este *um*.

E' preciso dizer-se em primeiro logar que o *alguem* da junta de paroquia se entende por Manuel Francisco Braz, o benemerito que concebeu a ideia sublime de elevar a sua terra natal á altura a que ela tem incontestavel direito.

Mas o sr. Manuel Francisco Braz não invoca—nunca invocou—o direito de propriedade a qualquer parcéla de terreno publico. As obras em construção nesse terreno, se não estâmos em erro, são pagas pelo cofre do municipio, o sendo assim, ou mesmo que fossem pagas pelo particular de que se trata, nunca ele podia invocar o direito a esse terreno. O sr. Manuel Francisco Braz pediu á Câmara para esta remover o chafariz ali existente para logar mais proprio, proceder ao esgoto do mesmo terreno, serviços esses que reunem o util ao agradavel, util em atenção á higiene, agradavel pela beleza resultante da arvorisação, oferecendo do seu bolso a quantia precisa para os citados melhoramentos, ou a maior parte dela. Será isto um pretenso titulo de posse? Responda-nos a junta de paroquia que melhor do que nós entende do assunto.

Com relação a *córar* e *secar* roupa no terreno em questão, entendemos no nosso critério que não ha mulher tão porca que tal praticasse ali, jámais no periodo invernoso, onde só existe lama.

Mas porque tão extranha resolução da junta de paroquia?

A resposta é facil.

Em primeiro logar o terreno de que se trata, no tempo do verão é aproveitado por um dos vogaes da junta para secar suas palhas e depositar materiaes de construção, a mais ninguem aproveitando, de modo que, arvorisado, já se não presta a esse fim. Aqui temos a razão principal.

Em segundo logar podia acontecer que os habitantes da Povoa do Valado, tomando na devida consideração os melhoramentos promovidos pelo sr. Braz, se libertassem da encapotada tutéla daquele que nunca dotou a sua terra com os melhoramentos a que o sr. Braz se propoz e alguns já efectuou.

Eis no que se resume o procedimento da junta de paroquia.

Nem outros pódem ser os motivos, mórmente se atendermos a que do terreno em questão—e não querendo alienal-o como implicitamente o confessa—não advem um centavo de rendimento.

Em suma: a junta pretendia ou pretende sustentar o terreno como pertença da paroquia? Até aqui estâmos de acordo. Mas tal pretenção não aconselha o acto abertamente praticado, acto que ninguem, que se prése, póde aplaudir.

O que á juna competia era respeiter o arvoredo, sem prejuizo de, pelas instancias superiores, averiguar a que entidade pertence o terreno.

Mas a luz cega-os e o progressso confunde-os.

Como a toupeira, só na treva estão satisfeitos!

O odio, o rancor politico fecham o procedimento edificante da junta de paroquia, toda santa, toda católica, apostolica, romana!...

F.

JUNTA GERAL DO DISTRITO DE AVEIRO

Concurso

A Comissão Executiva da Junta Geral do distrito de Aveiro fáz público, que se acha aberto concurso, por espaço de trinta dias, a contar da segunda publicação deste, no *Diario do Govêrno*, para provimento dos logares de chefe de secretaría com o ordenado anual de 360 escudos e de tesoureiro com o ordenado anual de 400 escudos.

Os concorrentes deverão instruir os seus requerimentos com os documentos exigidos no decreto de 24 de dezembro de 1892.

Secretaría da Junta Geral do distrito de Aveiro, 23 de Março de 1914.

O Presidente da Comissão Executiva,

Antonio Maria da Cunha Marques da Costa